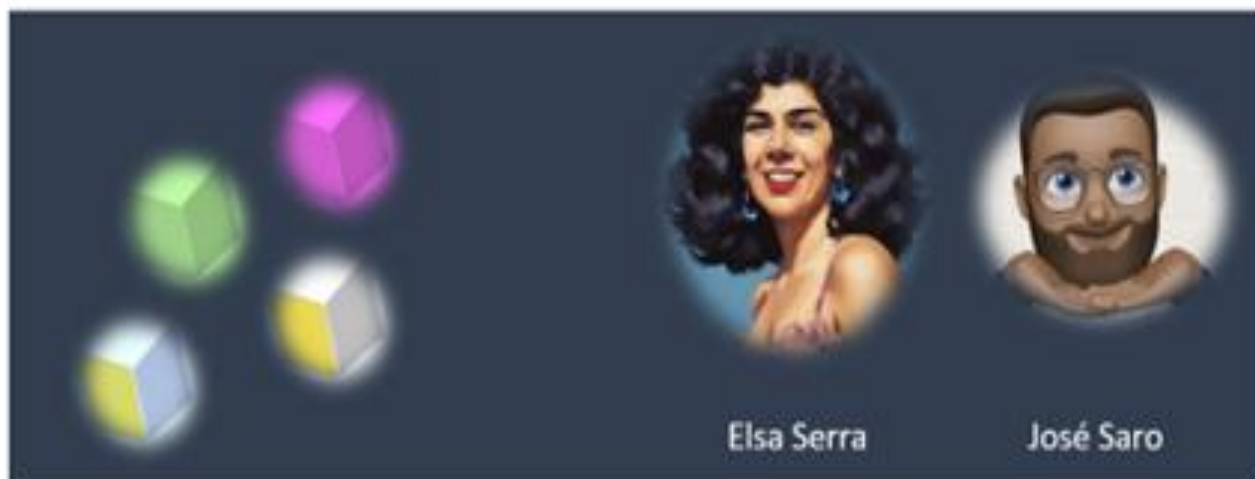


HISTORIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES



**Dimensão científico pedagógica para os grupos
200, 210, 220, 300, 320, 330, 340 e 350**

e-learning: 25 horas

*«A EDUCAÇÃO PELA LEITURA É UM BOM EXEMPLO DE FORMAÇÃO
INCLUSIVA ENQUANTO OBJETIVO EDUCATIVO QUE PROMOVE A EQUIDADE
PARA A PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO DE TODOS.»*

Tarefa 2: Cláudia Marlene dos Santos Marques

29/05/2025

1ª Parte (Tarefa)

"Diário de Anne Frank"



Um dos diários que sempre me fascinou e que escolho para esta tarefa é o "Diário de Anne Frank". A minha escolha recai sobre esta obra, não só pela sua importância histórica inegável, mas também pela forma como a voz de uma jovem se eleva em meio ao



caos e à crueldade, oferecendo uma perspetiva única sobre um dos períodos mais sombrios da humanidade.

Como docente de Português, do 2º Ciclo, constato que alguns manuais escolares incluem excertos deste mesmo diário, uma escolha que ajuda os alunos a compreenderem melhor um período tão importante da História - Segunda Guerra Mundial.

Falar sobre o "Diário de Ann Frank" com alunos desta faixa etária é extremamente importante, pois ele oferece-nos uma visão pessoal e emocionante sobre os desafios enfrentados durante a Segunda Guerra Mundial.

Dialogar sobre este assunto é primordial para que possamos valorizar a memória, aprender com o passado e promover a tolerância e o respeito.

Ao abordar o "Diário de Ann Frank" estamos a incentivar a uma reflexão mais profunda sobre a História e os valores humanos.

A primeira razão para a minha seleção é a perspetiva singular e profundamente

humana que Anne oferece. Longe dos relatos objetivos dos historiadores, o seu diário é uma janela para o dia a dia de uma adolescente presa, com todos os seus medos, esperanças, conflitos familiares e sonhos banais, em circunstâncias absolutamente extraordinárias. Através das suas palavras, "Kitty", o nome que Anne deu ao seu diário, torna-se confidente das suas emoções mais íntimas, da sua crescente consciência social e política, e do seu desejo de um futuro que nunca viria a conhecer. Ler Anne Frank não é apenas ler sobre o Holocausto; é ler sobre a resiliência do espírito humano e a persistência da esperança, mesmo quando tudo parece perdido.

Em segundo lugar, a relevância histórica e pedagógica do diário é imensa. Anne Frank, com a sua escrita viva e perspicaz, humaniza as vítimas do Holocausto de uma forma que poucas outras obras conseguem. Ela dá um rosto, uma voz e uma personalidade a milhões de pessoas que foram sistematicamente desumanizadas e aniquiladas. O seu diário serve como um lembrete pungente das consequências do ódio, da discriminação e da tirania, e sublinha a importância da tolerância e da compreensão. Ao reler este diário, sou sempre levada a refletir sobre a fragilidade da paz e a necessidade de nos mantermos vigilantes contra qualquer forma de opressão.

Finalmente, a maturidade e o talento literário de Anne, impressionantes para a sua idade, são outro fator decisivo. A forma como ela descreve as tensões no anexo secreto, as personalidades das pessoas com quem partilha o exílio forçado, e as suas próprias lutas internas para se manter otimista e esperançosa, é de uma clareza e profundidade notáveis. Ela não é apenas uma vítima, mas uma observadora aguçada e uma escritora talentosa que, mesmo em condições adversidade extrema, continuou a cultivar a sua paixão pela leitura e pela escrita.

Por todas estas razões - a perspectiva íntima e pessoal, a inegável importância histórica e o talento literário da sua jovem autora - o "Diário de Anne Frank" permanece uma escolha poderosa e comovente, capaz de educar e inspirar gerações.

Excerto deste diário para ler:

O "Diário de Anne Frank" é rico em passagens comoventes e perspicazes. Escolho o seguinte excerto, que demonstra a sua capacidade de observação e a sua busca por significado, mesmo na clausura.

Entrada de sábado, 15 de julho de 1944 - excerto

"Em tempos assim fica difícil; ideais, sonhos e esperanças crescem em nós, somente para ser esmagados pela dura realidade. É um espanto que eu não tenha abandonado todos os meus ideais, já que parecem tão absurdos e pouco práticos. Mas me agarro a eles porque ainda acredito, a despeito de tudo, que no fundo as pessoas são boas."

Ann Frank expressava a sua tristeza e o sofrimento que sentia diante da guerra e do mundo ao seu redor, enquanto também mantinha a esperança de que as coisas ficassem melhores e que a paz voltasse.

Apesar do ambiente de sofrimento e incerteza, Anne expressava a sua esperança e a sua crença na bondade humana. Ela reconhecia a dificuldade de

manter os ideais e sonhos em tempos tão difíceis, mas insistia em manter-se fiel aos seus valores e crenças.

Por que escolhi este excerto para a leitura?:

Este trecho, escrito pouco antes da sua captura, é incrivelmente poderoso e revela a profundidade do pensamento de Anne. Ele encapsula vários aspectos cruciais do diário.

Apesar do desespero, a persistência da esperança: Mesmo vivenciando o horror da guerra e o confinamento, Anne não desistia dos seus ideais e da sua fé na bondade humana.

A consciência da realidade sombria: Ela reconhecia a miséria e a destruição ao seu redor ("o mundo a transformar-se lentamente num deserto", "o trovão que se aproxima"), mostrando que não estava alheia à gravidade da situação.

A busca por um futuro melhor: A sua crença de que "tudo voltará a ser bom" e que "a paz e a tranquilidade voltarão a reinar" é um testemunho da sua resiliência e otimismo.

A determinação em manter os seus ideais: A frase final, "tenho de manter os meus ideais em alta, talvez chegue o tempo em que eu possa levá-los a cabo," é dolorosamente irônica, sabendo o destino que a aguardava, mas também inspiradora na sua determinação.

Este excerto é um lembrete pungente da capacidade humana de sonhar com um futuro melhor, mesmo nas circunstâncias mais adversas e da importância de manter a fé na humanidade.

2ª Parte (Tarefa)

"Buraco do Inferno ... Ou ... Buraco do riso???"

"Aconteceu-me no ano passado"...

Tudo aconteceu nas férias de verão, em Espanha. Era suposto ser um dia de férias perfeito. Era suposto ser um glorioso dia de verão — daqueles em que o sol brilha com tanta força que até o protetor solar começa a suar.

Planos? Sol, mar, mergulhos e a famosa visita às ilhas Ions. Quer dizer... era suposto ser assim. Mas não. O céu estava mais cinzento do que o humor de um professor em época de testes, e as nuvens pareciam prontas para nos dar uma lição de meteorologia prática exaustiva.

Mesmo assim, eu, a Carla, o Renato (meu sobrinho) e o David (filho da Carla) decidimos que era o dia perfeito para ... Fazer o passeio de ferry e chegar às tão esperadas ilhas.

Nós não decidimos ir naquele exato dia, mas ... Os bilhetes de passagem para visitar as ilhas Ions tinham sido comprados com antecedência. Ou perdíamos o dinheiro ou arriscávamos numa aventura. Claro! Lá fomos nós!

A viagem de ferry foi relativamente tranquila, dentro das condições meteorológicas adversas. Rimos, jogámos às cartas e de vez em quando lá se ouvia "estou mal-disposto", "o barco está aos "tombos"".

As crianças com as suas expressões próprias da idade soltavam gargalhadas



aos adultos.

Depois de tanta animação, lá chegámos às ilhas.

O problema? Chuva torrencial. O tipo de chuva que parecia uma praga.

-"É chuva passageira."- dizia o meu sobrinho com confiança.

-"Renato, já estamos ensopados dos pés à cabeça!"- responderam a Carla e o David com sacos de plástico enfiados na cabeça a fingirem que eram capas impermeáveis compradas na Shein.

Num abrir e fechar de olhos, as dezenas de pessoas que aportaram nas ilhas esgotaram com o stock de guarda-chuvas, capas impermeáveis, sacos do lixo ...

As nossas toalhas de praia foram o nosso único meio de proteção e salvação contra aquela água que não parava de cair. De vez em quando lá as torcíamos e ... Siga novamente para a exploração das ilhas.

Foi então que eu, após ter visto uma placa, com o entusiasmo de quem acabou de descobrir o Santo Graal, gritei:

— Pessoal, temos que ir ver o Buraco do Inferno!

— Qual buraco? - perguntaram todos em uníssono, ainda a tentar tirar água das sapatilhas.

— O Buraco das Lendas! Fica apenas a alguns quilómetros a pé!

— Quilómetros a pé? Com este tempo? Para ver um buraco? - perguntaram em coro.

E lá fomos nós. Por matos, pedras escorregadias, e um atalho que o Renato achava que era mais curto (spoiler: não era).

A certa altura, perdemo-nos, discutimos se deveríamos voltar para trás, discutimos se deveríamos parar debaixo de uma árvore para fazer um lanche ... discuimos sobre ... Sobre ...

Finalmente, depois de uma caminhada épica, depois de quilómetros e

quilómetros a pé, depois de quilómetros e quilómetros de gargalhadas, ali estava ele: O Buraco do Inferno.

Um buraco no chão, no meio de uma rocha. Um buraco sem magia. Só um buraco. Ficámos atónitos e em silêncio.

Rimos tanto que quase caímos dentro dele hahaha!

Lá fomos embora a fazer o percurso inverso. Só queríamos chegar à ilha, só queríamos chegar ao hotel e tomar um banho quente.

Eis que a tão desagradável notícia soou
"Meninos, têm que esperar pelo último ferry!"

Esperámos, apinhados num café, até à hora de embarque. Chegámos ao barco exaustos, ensopados e com a certeza de que tínhamos acabado de viver uma das melhores ou piores ideias de sempre. E no fim, é isso que são as férias: histórias divertidas com as pessoas certas.

O "Buraco do Inferno" foi, o melhor buraco onde já nos "metemos"!



Cláudia Marlene dos Santos Marques (Tarefa 2)